

Prof.^a Anita Kon

No mês de Dezembro, a atividade econômica brasileira mostrou um forte crescimento relacionado às festas de fim de ano, recorde da década, registrando elevação 12% superior a 2006. Este fato se deveu a uma combinação de juros mais baixos, crédito abundante e com prazos maiores, renda em alta, e importados mais baratos por causa do real valorizado. Os destaques de vendas aconteceram em produtos eletroeletrônicos, como TVs e laptops, e produtos de linha branca, como fogões e geladeiras, foram destaque, com crescimento de 20%. Os *shopping-centers*, tiveram um faturamento de 13,4% a mais que em 2006.

O setor automotivo que reúne as montadoras e as fabricantes de autopeças teve um crescimento recorde no ano e impulsionou também a economia brasileira no ano, desde que é responsável por 18% do Produto Interno Bruto (PIB) industrial e por 5% do PIB nacional. O comportamento na venda de veículos expandiu a produção de vidro, aço e tecido e elevou a arrecadação de tributos neste ano, pois o crescimento apresenta um notável efeito multiplicador que atinge toda a cadeia automobilística e gera mais emprego e renda para os trabalhadores do setor.

Com esta dinâmica, a indústria de transformação bateu recorde de utilização da capacidade instalada em outubro preparando-se para dezembro, e estão perto do limite máximo de produção, pois como mostra a Confederação Nacional da Indústria (CNI), 84,3% de todas as máquinas e equipamentos do país estão em uso. Este indicador causa preocupação porque mostra que há risco de aumento da inflação, se a demanda crescer e a indústria não tiver como aumentar a oferta rapidamente, desde que os preços poderão subir. Porém a CNI considera que os investimentos já realizados ao longo do ano de 2007 para aumentar a capacidade produtiva serão suficientes para atender à demanda sem gerar inflação.

A Federação do Comércio do Estado de São Paulo divulgou que o nível de endividamento dos consumidores caiu em dezembro, pois com a entrada do costumeiro 13º salário anual, o consumidor procurou quitar suas dívidas para poder comprar nas festas. No entanto, apesar de a inadimplência se manter controlada, os especialistas temem riscos para o comércio, resultantes da crise externa em andamento e da continuidade da inflação de alimentos.

Em relação a aspectos macroeconômicos, a dívida pública do governo federal voltou a crescer no 1,75% em novembro, porém houve melhora no perfil da dívida interna e a parcela que o governo tem de pagar no prazo de 12 meses caiu abaixo de 30%. A elevação do endividamento ocorreu porque no mês passado as vendas de papéis no mercado superaram os resgates, além do impacto dos juros sobre a dívida, acarretando acréscimo de R\$ 12 bilhões ao estoque. No entanto, os especialistas acham que apesar de o mercado continuar mostrando volatilidade como resultada da crise do “*subprime*” nos EUA, isso não afetou a estratégia de administração da dívida em novembro.

No que se refere às contas externas brasileiras o Banco Central (BC) prevê déficit para 2008, pois o aumento das importações com o real forte e maior crescimento acarretou em diminuição do saldo em 2007 e a continuidade deste processo pode ocorrer. O efeito do câmbio é sentido em vários itens das contas externas, como na balança comercial, onde o real valorizado e o crescimento da economia ajudam a explicar o forte crescimento das importações em 2007. O mesmo ocorre com as remessas de lucros e dividendos ao exterior, cuja alta é influenciada pela maior lucratividade das empresas e pelo câmbio forte, desde que os lucros em reais obtidos pelas multinacionais instaladas no Brasil ficam maiores quando convertidas para dólar antes do envio ao exterior.

Com este cenário externo, o BC estima que país vá crescer 4,5% em 2008, ou seja, menos que os 5,2% de 2007. Além disso, a falta de matérias-primas e de mão de obra especializada é um dos principais obstáculos ao crescimento do país. O receio de que o consumo cresça mais rapidamente do que a oferta foi um dos motivos que fizeram o Banco Central interromper em setembro de 2007 a trajetória seguida há dois anos de queda dos juros básicos da economia. Em janeiro de 2008, a taxa oficial de juros (Selic) está em 11,25% ao ano. Além disso, o desempenho desfavorável apresentado pela economia norte-americana, que deve apresentar desaceleração, e a possível alta da inflação no Brasil são os principais obstáculos ao crescimento do país e do emprego em 2008.

A taxa de inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) fechou o mês de Dezembro com uma variação de 0,74 %, a mais alta de 2007 e quase o dobro da taxa do mês anterior (0,38%), registrando para o total de 2007 uma taxa de 4,46% que ficou 1,32% acima do índice de 2006 (3,14%). Dessa forma, observa-se a inversão da tendência de queda registrada nos cinco anos anteriores. A responsabilidade desses aumentos se deveu aos itens de Alimentos e bebidas foram responsáveis por cerca de metade do IPCA de 2007, que teve alta de (10,79%). As altas dos alimentos foram generalizadas, motivadas pelo crescimento do consumo devido à renda maior, exportações em alta, o aumento dos preços das *commodities* e o clima desfavorável, que provocou especialmente a quebra de safra do feijão devido a problemas climáticos. Já o Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M) fechou 2007 em 7,75%, consistindo na maior taxa desde 2004 (12,41%), devido ao pico de crescimento no mercado atacadista em Dezembro. Os analistas acreditam que os preços ao consumidor vão subir mais em 2008 em razão da pressão dos alimentos e de um aumento mais intenso de preços administrados.

Em Dezembro, o Banco Central optou por não mexer nos juros básicos da economia, mantendo a taxa oficial Selic em 11,25% ao ano, como resultado da avaliação da conjuntura econômica e do cenário prospectivo para a inflação, Pesquisa feita pelo Banco Central com analistas de mercado mostrou que a expectativa é que os juros só voltem a cair em abril de 2008. A manutenção dos juros foi motivada pelo receio de que a economia possa crescer num ritmo muito acelerado, o que poderia causar um aumento da inflação no futuro.

A carga tributária no final de 2007 ficou em torno de 36% do PIB recorde de muitos anos, embora não tenha havido aumento de alíquotas neste ano, a carga tributária cresceu mais uma vez (em proporção do PIB) devido ao efeito residual de aumentos no passado recente. A arrecadação federal cresceu no acumulado de 2007 até novembro 11,03% a mais que no mesmo período de 2006. No final de Dezembro de 2007, por votação no Senado, foi rejeitada a proposta governamental de prorrogação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), que terminou no último dia de 2007. Este fato resultou na perda de arrecadação do governo federal de cerca de R\$ 38 bilhões. Em 2008 as alíquotas de alguns impostos que não dependem da aprovação do Congresso já começaram a ser elevadas como compensação por esta perda, porém as maiores pressões são para que o governo reduza seus gastos efetivamente.

As previsões do comportamento da indústria para o início de 2008 são de que, com os estoques em seus menores níveis históricos, o ano começará com aumento na produção, com alto uso da capacidade instalada. No entanto, a valorização do real em relação ao dólar afetou as exportações de produtos da indústria e reduziu a rentabilidade das vendas de produtos de baixa e de alta tecnologia. Os setores de intensidade tecnológica mediana foram menos afetados e apesar do avanço em dólar nas vendas externas, a receita em reais caiu em razão do câmbio, o que leva à previsão de forte desaceleração das exportações em 2008, como visto.

Com o cenário de aquecimento econômico descrito inicialmente, a taxa de desemprego nas seis principais metrópoles do país caiu para o menor nível histórico em novembro (-8,2%), aumentando 3,5% em relação ao mesmo mês de 2006, com aumento do rendimento e redução da informalidade. Os juros menores, crédito em expansão, inflação dentro da meta, demanda aquecida, entre outros indicadores foram os determinantes do recuo do desemprego no final do ano, surpreendendo as expectativas (de 8,5%). Os setores que mais geraram empregos em novembro foram educação, saúde e administração pública, bem como outros serviços (-5,1%) de atividades de alimentação, alojamento e outras.

Finalmente, boas estimativas também foram feitas para a massa real de rendimento dos trabalhadores que deve subir entre 3% e 5%, embora ainda não tenha atingido o patamar verificado em 2002. Mas, para 2008, há piora na expectativa sobre a economia e a situação financeira da família, como diminuição da disponibilidade de crédito ao consumidor, embora não seja prevista uma situação de baixa atividade econômica.

EITT/PUCSP – Grupo de Pesquisas em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia
Contatos: anitakon@pucsp.br - São Paulo/Brasil
Assistente de pesquisa: Emmanuel Nakamura